

Apresentação

Este dossiê, intitulado “Gênero, sexualidade e educação: feminismos, pós-estruturalismo e teoria queer”, organizado para compor um número especial da *Educar em Revista*, vem a público cinco anos após a publicação do primeiro dossiê que tratou das temáticas de gênero e sexualidade neste periódico (*Educar em Revista*, número 35, 2009). Naquela ocasião, o dossiê “Gênero, Sexualidade e educação: novas cartografias, velhos problemas”, ao percorrer um traçado de pesquisas sobre gênero e sexualidade, desenhava um pequeno mapa sobre parte das reflexões brasileiras, latino-americanas e norte-americanas na educação. Em 2009, já havia uma produção brasileira e estrangeira bastante significativa e aquele dossiê trouxe a contribuição de pesquisadoras das primeiras gerações dos estudos de gênero, como Tânia Swain (UnB) e Deborah Britzman (York University/Toronto), além de um conjunto de jovens pesquisadoras/es brasileiras/os e latino-americanas/os oriundas/os de instituições como: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal de Lavras (UFLA), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidad Pedagógica de Santiago/Chile e Universidad de La Habana/Cuba.

Agora, em 2014, com a publicação deste novo dossiê, também sobre gênero, sexualidade e educação, o campo de estudos de gênero e da sexualidade na educação se encontra expandido, mais maduro e completamente consolidado no Brasil. Temos um número grande de grupos de pesquisa registrados no Diretório de Pesquisa do CNPq, uma quantidade significativa de congressos, colóquios e seminários sobre o tema, muitos livros, dossiês, coletâneas e artigos publicados, além do Grupo de Trabalho (GT 23) – Gênero, sexualidade e Educação da ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação – que, na Reunião Anual da ANPED de 2013, completou 10 anos de existência.

Embora haja uma multiplicidade de correntes teóricas nas manifestações intelectuais sobre o tema, no Brasil, os estudos de gênero na educação se consolidaram sob a vertente epistemológica do pós-estruturalismo, com um forte acento dos estudos foucaultianos. Foi com a publicação do dossiê intitulado “Gênero e Educação”, em 1995, na Revista *Educação e Realidade* e, posteriormente, com a publicação do clássico “Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista”, em 1997, ambos de Guacira Lopes Louro, que este campo se construiu em território nacional, tornando-se a autora a principal referência dos estudos de gênero na educação brasileira. Em artigo publicado recentemente no dossiê intitulado “Feminismos e Educação: olhares, ênfases e

tensões”, organizado por Dagmar Estermann Meyer e Rosângela Soares para a *Revista Labrys*, Maria Rita de Assis César e Nadia Setti (2012)¹ sustentaram a tese de que os estudos de gênero na educação brasileira se consolidaram a partir das abordagens pós-estruturalistas e foucaultianas, a partir da tradução e ampla circulação do hoje clássico texto de Joan Scott (1995)² e, especialmente, por influência de Guacira Lopes Louro. Tendo em vista essa aliança com o pós-estruturalismo e a teorização foucaultiana, a maior parte das questões abarcadas pelas pesquisas sobre gênero e sexualidade na educação, no Brasil, partem de pressupostos que fazem a crítica do sujeito, da identidade, do feminismo essencialista e das teorias cognitivistas e estruturalistas, fundadoras dos estudos feministas tradicionais.

Desde a década de 1990, com as traduções de autoras feministas como Joan W. Scott, Linda Nicholson, Judith Butler, bell hooks, Deborah Britzman, entre outras, iniciou-se uma leitura mais sistemática dos textos de autoras críticas do feminismo tradicional (marxista, estruturalista e cognitivista), inspirando-se nas obras das feministas radicais do início dos anos de 1980, além da influência de Michel Foucault. Tendo em vista esse percurso, também na educação iniciou-se a abertura para a incorporação de outros temas que se aproximaram do feminismo radical, dos *Gay and Lesbian Studies* e, posteriormente, das teorizações *queer*. Com estas aproximações, além de um diálogo com os movimentos sociais, ocorreu a ampliação do leque de temas e objetos de investigação, assim como dos métodos de pesquisa.

Em razão da ampliação do cenário intelectual sobre gênero e sexualidade, as políticas educacionais brasileiras também iniciam um processo de incorporação das temáticas ligadas à igualdade de gênero e à diversidade sexual. Mais recentemente, currículos, diretrizes, literatura didática e paradidática, além de programas de formação continuada para professoras/es, como o curso *Gênero e Diversidade na Escola – GDE*, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI – Ministério da Educação, e projetos especiais como “Brasil sem homofobia” e “Escola sem homofobia”, gênero e sexualidade ocuparam definitivamente um lugar, ainda que muito restrito, na instituição e nas políticas educacionais. Preocupações em relação à violência e hierarquia de gênero, e à violência contra a população LGBT (Lésbicas, Gays,

1 CESAR, Maria Rita A.; SETTI, Nadia. *Corpos e identidades em jogo. Dois olhares feministas. Labrys*, n. 22, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys22/education/maria%20rita.htm>>. Acesso em: 15/02/2014.

2 SCOTT, Joan. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

Bissexuais, Travestis e Transexuais) começaram a se fazer presentes nas escolas e projetos pedagógicos.

Com este importante conjunto de transformações sociais no Brasil e no mundo, fruto das lutas políticas de mulheres e da população LGBT, as reações contrárias às políticas de igualdade sexual e de gênero fazem-se ouvir e começam a impor uma agenda de retirada de direitos sociais e individuais. Na França, em razão da aprovação do casamento igualitário para pessoas do mesmo sexo, assistimos, hoje, a uma reação contrária de enorme proporção, por parte de religiosos e conservadores, que em suas ações públicas vêm criticando aquilo que chamam de uma “implantação da teoria de gênero nas escolas francesas”, em detrimento da família e de uma moral sexual e de gênero tradicionais. Na Espanha, a tramitação de uma legislação que restringe o direito das mulheres ao aborto é, também, um exemplo desse tipo de reação à conquista de direitos. E, por fim, no Brasil, temos visto ataques políticos sistemáticos a toda e qualquer política de igualdade de gênero e diversidade sexual, a exemplo da recente proibição de materiais educativos que visavam à diminuição da violência contra a população LGBT que, no Brasil, tem assumido proporções imensas.

Tendo em vista esse quadro ampliado, que é ao mesmo tempo acadêmico, político e ético, este dossiê se apresenta como mais um lugar de discussão e, também, como uma resposta possível e necessária; uma resposta que, mesmo não contemplando ou resolvendo diretamente as questões acima mencionadas, pretende reafirmar a importância desse campo de estudos, tanto do ponto de vista da produção do conhecimento, como também dos combates e embates políticos e sociais. Nessa direção, este dossiê divulga resultados de pesquisas muito recentes que abarcam temas como: a crítica ao modelo da família nuclear heterossexual; processos de produção de identidades sexuais e de gênero juvenis; práticas discursivas sexistas regionais; homossexualidade na escola; a crítica às políticas de identidade nos movimentos LGBT e na educação, tendo em vista uma escola e uma educação *queerizada*; processos de produção de identidades de gênero na educação a distância; modelos sexuais e de gênero presentes na literatura para a infância; uma experiência de produção de saberes e linguagens com a população de travestis na Argentina; o lugar das discussões sobre gênero e transexualidade nas escolas francesas e um estudo que mapeia e problematiza a produção de teses e dissertações sobre a escolarização da sexualidade no cenário brasileiro.

Os dez artigos aqui presentes compõem também um mapa da produção de grupos de pesquisa localizados em diferentes regiões brasileiras: o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero – GEERGE/UFRGS – RS; o Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividade na Educação – LABIN/UFPR – PR; o Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade – o CA-

PITÚ/UFRB – BA; o Multiverso. Corpo, Gênero e Sexualidade nos processos de subjetivação – UNIFOR – CE; o Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Gênero – GEPSEX/UFMS – MS; o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Diversidade – NEPED/UFJF – MG; o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Currículo e Cultura – GECC/UFMG – MG e o Laboratório Physis de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza – LABphysis/UFV – GO. Dentre as contribuições internacionais temos: da Argentina (Universidade Nacional de Comahue e Universidade de Neuquén) e também fundadoras do Coletivo Feminista “La Revuelta”, as pesquisadoras Graciela B. Alonso e Ruth Zurbriggen; Susanne V. Knudsen da Vestfold University/Noruega e presidente do IAERTEM: International Association for Research on Textbooks and Educational Media; e Arnaud Alessandrin da Université Bordeaux e corresponsável pelo ODT – Observatoire Des Transidentités. O dossiê incorpora, ainda, uma resenha do livro-experiência de Beatriz Preciado, que promove o questionamento sobre o próprio conceito de gênero e de sexualidade, a partir da crítica radical a todos os processos biopolíticos heteronormativizantes.

De forma mais pontual, este dossiê é o resultado do trabalho conjunto de dois grupos de pesquisa: o GEERGE/UFRGS, talvez um dos grupos de pesquisa sobre gênero, sexualidade e educação mais antigo e consolidado do país; e o LABIN/UFPR, um grupo de pesquisa que, embora formado recentemente, se constitui no único grupo de pesquisa sobre gênero, sexualidade e educação da UFPR. Com os dez artigos que compõem este dossiê, pretendemos contribuir para ampliar e redimensionar – cinco anos após a publicação do primeiro dossiê sobre o tema na *Educar em Revista* – um mapa, ainda que parcial e incompleto, sobre a atual produção intelectual no campo dos estudos de gênero, sexualidade e educação, bem como produzir um diálogo mais intensivo entre os diversos grupos de pesquisa convidados reiterando, assim, a importância fundamental da realização de pesquisas sobre gênero e sexualidade no cenário educacional brasileiro.

Maria Rita de Assis César
Dagmar Estermann Meyer
Jamil Cabral Sierra
Organizadores